

## A CRISE NA ZONA DO EURO: ESTA É A EUROPA QUE O MUNDO QUER?

Andrea Pennacchi MARCONDES<sup>1</sup>

Edson Gomes MARCONDES<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo compara dados estatísticos sobre o desempenho econômico de vários países participantes da Zona do Euro e o impacto sofrido por eles desde o início da crise instalada em 2008. Observou-se que o colapso econômico da região adquiriu proporções difíceis de serem gerenciadas: a dívida pública se agigantou em vários países e há disparidades consideráveis entre seus índices de endividamento do PIB (na Estônia, esse percentual é de 6%; na Grécia, 165,3%). Constatou-se, igualmente, que o nível de desemprego na Europa atingiu níveis históricos e que tem havido forte contração da produção industrial como consequência do permanente declínio da demanda interna e externa. A população europeia é quem está pagando a conta, de acordo com os dados de níveis de pobreza e de exclusão social divulgados diariamente pela Eurostat (Agência de Estatística Europeia) - principal fonte de dados deste estudo. Além de comentar esses dados, o presente artigo visa analisar uma série de ações e objetivos criados com a finalidade de gerenciar e combater a crise e traçados em comum acordo por um comitê intitulado EUROPA2020.

**Palavras-chave:** Crise econômica europeia. Medidas de contenção. Zona do Euro. Europa 2020.

---

1 Docente e orientadora do Grupo de Pesquisa Científica “Relações Internacionais: ações sociais, jurídicas e econômicas na construção de uma sociedade supra-nacional sustentável” das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente”. Contato: andreamarcondes@terra.com.br

2 Discente do MBA em Gestão Empresarial das Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente, SP e Estagiário Docente na Empresa Junior Toledo. Contato: emarcondes2009@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

*“Quando a marcha da civilização toma um rumo inesperado – quando ao invés do progresso contínuo que nos habituamos a esperar, vemos ameaçados por males que nos parecem próprios das passadas épocas de barbarismo – naturalmente pomos a culpa em tudo exceto em nós mesmos.”*

Friedrich Augusto von HAYEK, 1944

Analisando a evolução dos tempos e os fatos passados, observamos que apesar de todas as medidas cautelares adotadas ao longo das últimas décadas, a história que um dia culminou com a crise de 1929 tende a se repetir, como se observa nas manchetes extraídas do jornal Valor Econômico, publicadas em várias edições do mês de março de 2012:

“Juros baixos e crédito fácil elevam preço de imóveis na Alemanha”<sup>3</sup>

“Dívida da Espanha atinge nível recorde de 68,5% no 4º trimestre”

“Credores internacionais estão temerosos da Grécia precisar de mais ajuda”

“BC da Alemanha acredita em retomada da economia no segundo trimestre”

“Espanha vende 3 bi de euros em bônus de três a seis anos”

“Crédito continua escasso em Portugal e Espanha”

“Os pobres podem salvar o mundo”

Alguns analistas econômicos afirmam que a crise de 2012 é pior do que a de 1929, mas ninguém quer admitir que ela pode provocar transformações muito mais radicais do que as que se seguiram ao **crash**<sup>4</sup> da Bolsa de Nova York.

---

<sup>3</sup>Jornal Valor Econômico de 15, 16, 19 e 20/03/2012. Primeira página, Disponível em <http://www.valor.com.br/>. Acesso em 23/03/2012.

<sup>4</sup>O Crash de 1929 foi um das quebras da Bolsa de Valores mais devastadoras da história Americana. Iniciou na conhecida Quinta Feira Negra (24 de Outubro de 1929), ampliando-se ainda mais na Terça-Feira negra (29 de Outubro de 1929) e semeando o pânico geral 5 dias mais tarde. As cotações continuaram a cair durante um mês inteiro.

Sua origem, aparentemente, pode ser traçada em 1998, quando onze Estados-Membros da União Européia se uniram e estabeleceram critérios comuns para utilização de uma única moeda, o EURO<sup>5</sup>, introduzido oficialmente no mercado em 1º (primeiro) de janeiro de 1999.

Dentre os Estados-Membros participantes da criação da Zona do Euro, destacamos a Alemanha, a Áustria, a Bélgica, a Espanha, a Finlândia, a França, a Irlanda, a Itália, Luxemburgo, os Países Baixos e Portugal. Dois anos depois, a Grécia ingressou na comunidade e em 1º de Janeiro de 2002, o EURO passou a circular em notas e moedas em todos os países participantes da Euro Zone

Nos anos de 2007, 2008, 2009 e 2011 outros Estados-Membros da União Européia (UE) ingressaram na Comunidade, após passarem pelas adequações exigidas pelo grupo de forma a se igualarem sob o ponto de vista econômico-financeiro. Atualmente, dos 27 Estados-Membros da UE, 17 participam da Comunidade da Zona do Euro - Alemanha, Áustria, Bélgica, Chipre, Eslováquia, Eslovênia, Espanha, Estônia, Finlândia, França, Grécia, Irlanda, Itália, Luxemburgo, Malta, Países Baixos e Portugal.

Nos últimos dois anos, principalmente, o arranjo econômico deixou de satisfazer a todas as partes, pois as diferenças de gestão política, financeira e legal de cada país ficaram cada vez mais evidentes, afetando diretamente a economia de todos os membros da Comunidade e levando a uma grave crise econômica.

Essa crise está tomando rumos difíceis de serem gerenciadas, pois, quase diariamente, as informações publicadas pela Eurostat (Agência de Estatística Européia) apontam que um novo país apresenta problemas financeiros internos. Ou seja, de acordo com essas informações a Grécia não foi a única a ter atingido o déficit de 165,3% de seu PIB. Sua situação é grave, indubitavelmente, mas outros países, como a Espanha também apontam um déficit oficial alto (68,5%) em relação ao PIB, sinalizando uma forte recessão interna e um crescente aumento no endividamento público.

---

<sup>5</sup> O **euro (€)** é a moeda oficial de 17 dos 27 países da União Europeia, existindo na forma de notas e moedas desde 1 de Janeiro de 2002, e como moeda escritural desde 1 de Janeiro de 1999.

## 2. A CRISE NA ZONA DO EURO

Quando surgiram os primeiros sinais da crise, os membros que lideravam a Comunidade do Euro obrigaram os países endividados a adotarem uma série de medidas paliativas ou corretivas para conter o problema e ao longo de 2011, a economia mundial mostrou alguns sinais de estabilização.

No entanto, uma série de fatores que evoluíram negativamente na economia mundial criaram vários cenários de incerteza entre os membros da Comunidade. Dentre os principais fatores negativos, apontamos os vários contrastes existentes entre a necessidade de recuperação interna dos países afetados e as restrições estruturais que lhes foram impostas, limitando tanto o seu crescimento, quanto o das principais economias européias que se viram arrastadas para o epicentro do furacão.

Notou-se igualmente, o aparecimento frequente de fortes tensões nos mercados financeiros, com vários processos internos de reajuste e readequação nos balanços governamentais e empresariais, levando a uma situação difícil no mercado de trabalho – envolvendo desemprego e conseqüente queda no consumo, além de alto endividamento nos setores relacionados à habitação e de uma evolução positiva das economias emergentes, que passaram a lhes fazer uma acirrada concorrência comercial.

Como conseqüência de todos esses processos adversos, durante o exercício de 2011 uma considerável redução de atividade econômica nos países que até então eram os grandes consumidores de *commodities* dos emergentes, acentuou ainda mais as desigualdades pré-existentes entre os membros da Comunidade do Euro.

Outros fatores, de caráter geográfico ou político-social se uniram às dificuldades econômicas sofridas pela UE. No Japão, um terremoto e um tsunami interromperam uma produção industrial que tinha alcance global; a Primavera Árabe empurrou os preços do petróleo para as alturas, tornando os custos da produção industrial mais elevados e diminuindo a competitividade dos produtos europeus no mercado internacional. Como conseqüência de todo esse processo, a comunidade europeia

se viu compelida a reduzir suas atividades econômicas, convivendo com uma evolução muito fraca da procura interna e externa.

Como, de acordo com IANNI (2006), a globalização está presente na realidade e no pensamento, desafiando grande número de pessoas em todo o mundo, seus efeitos, como se observou no cenário descrito acima, não demoraram a atingir todos os pontos do planeta.

## 2.1 Endividamento do PIB

Para que se possa compreender melhor o cenário em que a crise se formou e se desenrolou, faremos uma análise do endividamento do PIB de 2008 a 2011 na Comunidade Europeia e na Zona do Euro por meio dos dados citados nos quadros a seguir, observando que – como consequência de uma série de medidas contencionistas tomadas ao longo desse período por governos responsáveis do grupo - em 2008 o índice de endividamento tanto do grupo da EA17<sup>6</sup> quanto da EU27<sup>7</sup> encontrava-se no patamar dos 2%.

A partir da crise desencadeada em 2009, o déficit governamental do grupo elevou-se para 6,4%, recuperando-se levemente em 2011 (4,1%). Os países membros da EU27, por outro lado, também apresentaram resultados semelhantes: de um patamar de 2,4% de déficit em 2008, elevaram-se para 6,9% - no auge da crise - mativeram-se nos 6,5% em 2010 e no ano seguinte, esses mesmos números caíram para 4,5%.

**Figura 1 - Endividamento do PIB**

		2008	2009	2010	2011
<b>Euro area (EA17)</b>					
GDP market prices (mp)	(million euro)	9 244 227	8 919 411	9 162 447	9 419 160
Government deficit (-) / surplus (+)	(million euro)	-196 067	-569 501	-571 050	-387 617
	(% of GDP)	-2.1	-6.4	-6.2	-4.1
Government expenditure	(% of GDP)	47.1	51.1	50.9	49.3
Government revenue	(% of GDP)	44.9	44.8	44.7	45.2
Government debt	(million euro)	6 481 705	7 125 984	7 817 826	8 215 289
	(% of GDP)	70.1	79.9	85.3	87.2
<b>EU27</b>					
GDP mp	(million euro)	12 466 843	11 742 120	12 260 171	12 634 499
Government deficit (-) / surplus (+)	(million euro)	-302 270	-808 644	-802 311	-565 117
	(% of GDP)	-2.4	-6.9	-6.5	-4.5
Government expenditure	(% of GDP)	47.1	51.1	50.6	49.1
Government revenue	(% of GDP)	44.7	44.2	44.1	44.6
Government debt	(million euro)	7 789 712	8 777 601	9 811 660	10 421 987
	(% of GDP)	62.5	74.8	80.0	82.5

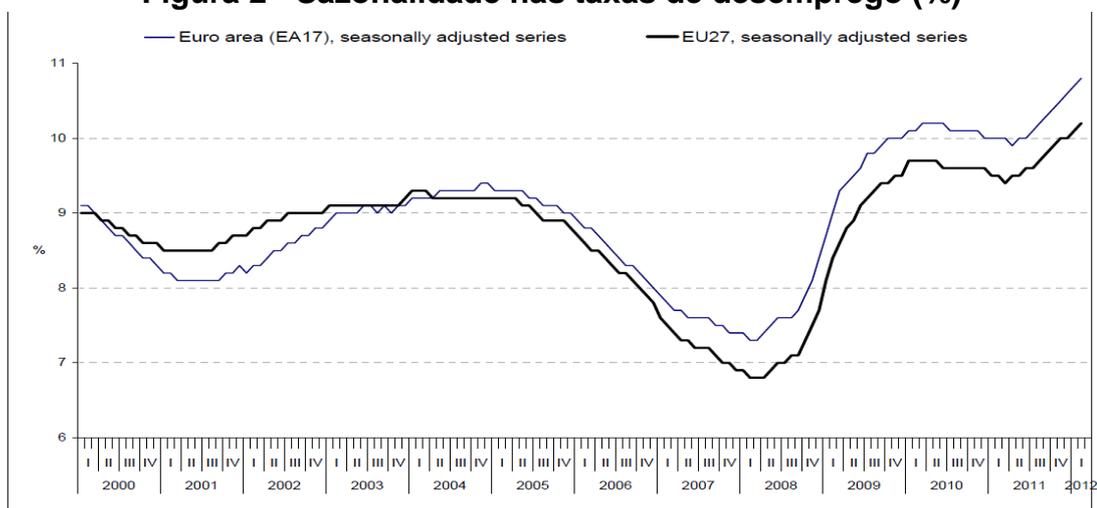
Estônia, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda, Itália, Letônia, Lituânia, Luxemburgo, Malta, Países Baixos, Polónia, Portugal, Reino Unido, República Checa, Roménia e Suécia.

Fonte: ALLEN, Tim. **Euro area and EU27 government deficit at 4.1% and 4,5% of GDP respectively.** In Eurostat Press Office, Edição 62/2012 de 23/04/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-23042012-AP/EN/2-23042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-23042012-AP/EN/2-23042012-AP-EN.PDF). Acesso em 23/04/2012.

Podemos igualmente observar que a dívida do governo, como consequência desse déficit nas contas, se encontra em situação inversa: ao invés de diminuir, a dívida pública/PIB aumentou de 70,1% no final de 2008 para 87,2% no final de 2011 enquanto na região da UE27, esses números, também ascendentes, indicam um aumento de 62,5% para 82,5% de endividamento publico em relação ao PIB.

As famílias europeias, sofrendo com os profundos cortes nos gastos sociais do governo e com o alto desemprego - cujo índice atingiu uma média de 10,8% em fevereiro de 2012 – viram-se obrigadas a reduzir suas despesas em 0,4%, limitando consequentemente o consumo e a circulação de bens e capitais internos, como se observa no quadro abaixo:

**Figura 2 - Sazonalidade nas taxas de desemprego (%)**

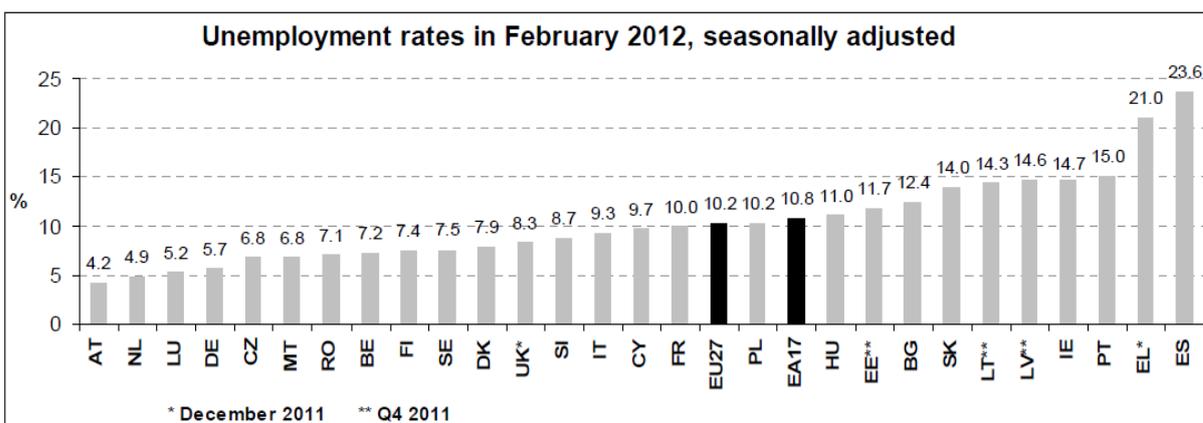


Fonte: KIIVER, Hannah & VREESWIJK, Hubertus. **Euro area unemployment rate at 10,8%.** In Eurostat Press Office, Edição 52/2012 de 02/04/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/3-02042012-AP/EN/3-02042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/3-02042012-AP/EN/3-02042012-AP-EN.PDF). Acesso em 02/04/2012

A Eurostat estima que 24.550 milhões de homens e mulheres na UE-27 - dos quais 17.134 milhões pertencem à zona do euro – viram-se desempregados em fevereiro de 2012, sendo esse índice o mais alto na região desde junho de 1997.

No entanto, é importante salientar que existem algumas diferenças interessantes nos números de desemprego apresentados por alguns países. Se na Alemanha os índices de desemprego se mantiveram estáveis em 5,7% - por outro lado, na Espanha, esse percentual atingiu 23,6% da força produtiva nacional, como é possível evidenciar observando os dados que se seguem:

**Figura 3 - Desemprego em fevereiro 2012 (%)**



Fonte: KIIVER, Hannah & VREESWIJK, Hubertus. **Euro area unemployment rate at 10,8%**. In Eurostat Press Office, Edição 52/2012 de 02/04/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/3-02042012-AP/EN/3-02042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/3-02042012-AP/EN/3-02042012-AP-EN.PDF). Acesso em 02/04/2012

Ainda de acordo com a Eurostat, entre fevereiro e janeiro de 2012 a produção nos países do EU17 cresceu 0,5%. Em janeiro, esses índices permaneceram estáveis em ambas as zonas, mas comparando fevereiro de 2012 com fevereiro de 2011, a produção caiu 1,8% na EU17 e na EU27.

Conforme podemos observar nos dados da figura 4, os números de produção em 2011 estavam em constante queda, mas no quarto trimestre do ano passado, a redução foi de 1,9%, como resultado do declínio da demanda interna e externa.

De acordo com a *Association of Three Leading European Economic Institutes*<sup>8</sup> (IFO Institute<sup>9</sup>, INSEE<sup>10</sup> e o ISTAT<sup>11</sup>), as autoridades europeias adotaram várias medidas destinadas a conter o nervosismo dos mercados financeiros, o Banco Central

<sup>8</sup> HRISTOV, Nikolay & JEGOU, Nicolas & SANTIS, Roberta de. *Association of Three Leading European Economic Institut: Tensions ease but growth remains sluggish*. In CESifo Group Munich, 03/04/2012. Disponível em [http://www.cesifo-group.de/portal/page/portal/ifoContent/N/data/forecasts/eo-container/EEO\\_2012\\_04\\_03/eo-20120403-de.pdf](http://www.cesifo-group.de/portal/page/portal/ifoContent/N/data/forecasts/eo-container/EEO_2012_04_03/eo-20120403-de.pdf). Acesso em 30/04/2012

<sup>9</sup> IFO INSTITUTE – Leibniz Institute for Economics - Alemanha

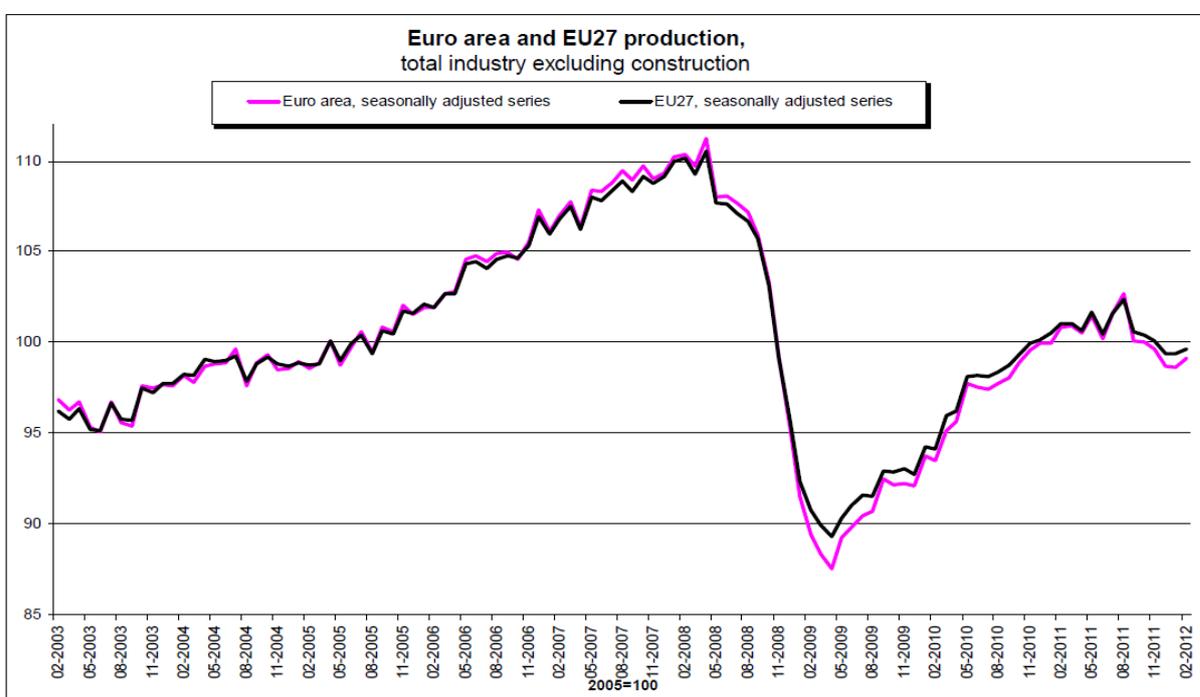
<sup>10</sup> INSEE – Institut National de la Statistique et des Etudes Economiques - França

<sup>11</sup> ISTAT - Instituto Nazionale di Statistica - Itália

Europeu liberou em dezembro de 2011 e em fevereiro de 2012 operações excepcionais de refinanciamento a longo prazo.

Além disso, os países europeus decidiram reforçar o controle fiscal e a maioria procurou adotar medidas de controle orçamental para trilhar um caminho sustentável. Estas medidas permitiram que os prêmios de risco em vários países se reduzissem gradualmente e que o item ‘confiança das empresas’ - ainda que num nível baixo - mostrasse uma lenta recuperação, com mudança positiva nos índices.

**Figura 4 - Produção total da indústria excluindo construção**



Fonte :AMIL, Digna. **Industrial production up by 0,5% in euro area.** In Eurostat Press Office, edição 55/2012 – 12/04/2012 - [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/4-12042012-AP/EN/4-12042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/4-12042012-AP/EN/4-12042012-AP-EN.PDF). Acesso em 12/04/2012.

Apesar dos números apresentarem alguns sinais de melhora, de acordo com o Jornal Valor Economico<sup>12</sup> “os 332 milhões de usuários do euro ainda podem passar por um razoável período de estagflação<sup>13</sup>”. A inflação dos países da zona do euro em abril de 2012 - divulgado pela Eurostat - está em 2,6%, conforme mostra a figura 5.

<sup>12</sup> Apud DOW JONES NEWSWIRES – Disponível em <http://www.valor.com.br/internacional/2601328/analise-zona-do-euro-pode-passar-por-periodo-de-estagflacao>. Acesso em 03/04/2012.

<sup>13</sup> Combinação de estagnação do crescimento econômico com alta de preços.

O IFO Institute, o INSEE e o ISTAT informaram em seus relatórios trimestrais de perspectivas que tal índice deverá recuar para 2,4% no final de junho e para 2,2% em setembro. Apesar de apresentarem tendência de queda, no entanto, estas projeções ainda estão acima da meta prevista pelo Banco Central Europeu (BCE) (abaixo de 2%) e podem atrapalhar os esforços governamentais para impulsionar o crescimento da região.

**Figura 5 - Inflação Anual (%) em Abril/2012**

Annual inflation (%) in April 2012 in ascending order

Euro area																	
EL	IE	ES	DE	FR	AT	Euro area	NL	BE	PT	SI	LU	FI	CY	IT	SK	MT	EE
1.5	1.9	2.0	2.2	2.4	2.4p	2.6p	2.8p	2.9	2.9	2.9	3.0	3.0	3.6	3.7	3.7	3.8	4.3

Fonte: PASANEN, Jarco. **Euro area annual inflation down to 2.6%**. In Eurostat Press Office. Edição 75/2012 de 16/05/2012. Disponível em : [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-16052012-BP/EN/2-16052012-BP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-16052012-BP/EN/2-16052012-BP-EN.PDF). Acesso em 16/05/2012

A economia da Irlanda também recuou 0,2% no quarto trimestre de 2011 depois de ter se contraído 1,1% nos três meses anteriores, segundo informou o Escritório Central de Estatísticas<sup>14</sup> (CSO, na sigla em inglês). Com isso, o país entrou tecnicamente em recessão, pois segundo analistas, o programa de austeridade estabelecido pelo governo tem mantido a demanda interna reprimida e a crise da dívida na zona do euro desacelerou as exportações, um dos principais motores da economia.

A Irlanda é o sétimo membro da zona do euro a entrar em recessão, juntamente com a Bélgica, Grécia, Itália, Holanda, Portugal e Eslovênia. Assim como a Irlanda, os governos da Grécia e de Portugal contam com a UE e com o FMI para receber ajuda financeira e - como a Itália - estão passando por duros programas de austeridade.

Outra informação importante divulgada pela Eurostat, é que em 2010, 115,5 milhões de pessoas - ou seja, 23.4% da população na EU27 - viviam em risco de pobreza ou

<sup>14</sup> Central Statistic Office Ireland, <http://www.cso.ie/en/>. Acesso em 30/04/2012.

de exclusão social. Dentre eles, 27% são jovens de até 18 anos que foram afetadas por pelo menos uma das três formas de pobreza ou de exclusão social que podem ser bem visualizadas na figura 6.

Nela, as taxas mais elevadas de pobreza foram observadas na Letônia, Romênia, Bulgária e as mais baixas na República Checa e Holanda. A Espanha também se destaca quando verificamos que, de 2009 para 2010, houve um aumento de 9% da população sob risco de exclusão social.

Observa-se também que em 2010, 16,4% dos trabalhadores da EU27 estavam vivendo abaixo da linha da pobreza e que, se na França este índice se encontra em 13,5% e na Alemanha 15,6%, a situação é bem pior em países mais afetados pela crise como a Espanha, com 20,7% e a Grécia com 20,1%.

**Figura 6 – População sob risco de pobreza ou de exclusão social 2010.**

	Persons at-risk-of-poverty after social transfers	Persons severely materially deprived	Persons aged 0-59 living in households with very low work intensity	Persons falling under at least one of the three criteria (at risk of poverty or social exclusion)		
				% of total population		In thousands, 2010
				2009	2010	
EU27*	16.4	8.1	9.9	23.1	23.4	115 479
Belgium	14.6	5.9	12.6	20.2	20.8	2 235
Bulgaria	20.7	35.0	7.9	46.2	41.6	3 145
Czech Republic	9.0	6.2	6.4	14.0	14.4	1 495
Denmark	13.3	2.7	10.3	17.6	18.3	1 007
Germany	15.6	4.5	11.1	20.0	19.7	15 962
Estonia	15.8	9.0	8.9	23.4	21.7	289
Ireland	:	:	:	25.7	:	:
Greece	20.1	11.6	7.5	27.6	27.7	3 031
Spain	20.7	4.0	9.8	23.4	25.5	11 675
France	13.5	5.8	9.8	18.4	19.3	11 763
Italy	18.2	6.9	10.2	24.7	24.5	14 742
Cyprus	:	:	:	22.2	:	:
Latvia	21.3	27.4	12.2	37.4	38.1	846
Lithuania	20.2	19.5	9.2	29.5	33.4	1 109
Luxembourg	14.5	0.5	5.5	17.8	17.1	83
Hungary	12.3	21.6	11.8	29.6	29.9	2 948
Malta	15.5	5.7	8.4	20.2	20.6	84
Netherlands	10.3	2.2	8.2	15.1	15.1	2 483
Austria	12.1	4.3	7.7	17.0	16.6	1 373
Poland	17.6	14.2	7.3	27.8	27.8	10 409
Portugal	17.9	9.0	8.6	24.9	25.3	2 693
Romania	21.1	31.0	6.8	43.1	41.4	8 890
Slovenia	12.7	5.9	6.9	17.1	18.3	366
Slovakia	12.0	11.4	7.9	19.6	20.6	1 118
Finland	13.1	2.8	9.1	16.9	16.9	890
Sweden	12.9	1.3	5.9	15.9	15.0	1 418
United Kingdom	17.1	4.8	13.1	22.0	23.1	14 209
Iceland	9.8	1.8	5.6	11.6	14.3	42
Norway	11.2	2.0	7.3	15.2	14.9	737
Switzerland	15.6	1.7	4.0	17.2	17.1	1 280

\* Estimated  
 : Data not available

Fonte: CORSELLI-NORBLAD, Louise e DI MEGLIO, Emilio. **In 2012, 23% of the population were at risk of poverty or social exclusion.** In Eurostat Press Office. Edição 21/2012 de 08/02/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/3-08022012-AP/EN/3-08022012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/3-08022012-AP/EN/3-08022012-AP-EN.PDF). Acesso em 06/03/2012

Embora oficialmente permaneça abaixo da média de endividamento das nações da zona do euro (87,45% do PIB), a dívida da Espanha está aumentando mais rápido do que a de muitos outros países, o que torna mais difícil para o governo cumprir suas metas fiscais. No último trimestre de 2011, a Espanha atingiu o recorde de endividamento de 68,5% do PIB. O colapso imobiliário e o aumento dos custos

sociais causados pelo desemprego são alguns dos fatores negativos que têm prejudicado consideravelmente as receitas do governo espanhol.

Estes números são ainda mais graves em países como a Grécia, a Itália, a Irlanda e Portugal, que já chegaram ao colapso da dívida pública e cujo Débito do Governo situa-se em 165,3%, 120,1%, 108,2% e 107,8%, respectivamente, do nível do PIB.

## 2.2 – Países Envolvidos

Os países participantes da Comunidade Europeia que até recentemente detinham um enorme poder econômico, acreditando estarem imunes a dificuldades financeiras, esqueceram-se de que o modelo de crescimento econômico utilizado por seus governos até o início da crise (modelo neoliberal) poderia ampliar as desigualdades sociais, excluindo gradualmente uma boa parte da população produtiva do mercado.

Se no início da implantação desse modelo econômico os problemas de solvência interna não existiam, com o passar do tempo, observou-se que as desigualdades sociais se acentuaram e que as dívidas, agravadas pelo consumo impulsionado, levaram à crise.

O sistema capitalista vem sendo colocado em cheque a quase quarenta anos<sup>15</sup> e, como ainda não foi encontrada nenhuma solução favorável para suas dificuldades, estas só vem se aprofundando. Soluções como o neoliberalismo, imposto por economistas e governos em geral, não apenas deixaram propiciar um crescimento de longo prazo para a população das principais potências envolvidas, como também destruíram boa parte das forças produtivas dos países pobres.

Os países participantes da Comunidade Europeia que nos últimos anos adotaram o Euro como uma moeda forte, apresentam um endividamento acima da média - como

---

<sup>15</sup> Especialmente após as crises econômicas dos anos 70 e 80, resultantes das dificuldades energéticas encontradas pelas potências centrais por causa dos conflitos no Oriente Médio e da dissolução dos estados soviéticos, inserindo novos atores no cenário internacional capitalista.

já citamos no capítulo anterior - e o cenário atual retrata uma situação de elevada incerteza em relação à recuperação da Comunidade Europeia.

Tais prognósticos podem ser confirmados ao observarem-se os sinais negativos de crescimento do PIB e de consolidação orçamental, ou as medidas de redução do déficit rápido recentemente instituídas pelos países participantes dessa comunidade, que se fazem sentir em todos os segmentos e em todas as economias, como consequência da globalização.

## 2.3 – Europa 2020

“A Europa 2020 reflete aquilo que teremos de fazer desde já e no futuro próximo para relançar a economia europeia. A crise veio revelar questões fundamentais e tendências insustentáveis que não podemos continuar a ignorar. A Europa regista um déficit de crescimento que compromete o nosso futuro. Temos de combater de forma decisiva os nossos pontos fracos e apostar nos nossos inúmeros pontos fortes. Temos de construir um novo modelo económico baseado no conhecimento, numa economia hipocarbônica e numa elevada taxa de emprego. Esta batalha exige uma mobilização geral à escala europeia.”

Jose M. Durão BARROSO, 2010<sup>16</sup>

Preocupados com o rumo que a situação vem tomando, a Comissão Europeia lançou em Bruxelas, no dia 03 de março de 2010, a Estratégia Europa 2020, para assegurar a saída da crise e preparar a economia da UE para a próxima década. Foram identificados três vetores fundamentais que orientarão as ações concretas tanto em nível de EU quanto em nível nacional:

---

<sup>16</sup> BARROSO, Jose M. Durão – PRESIDENTE COMISSÃO EUROPÉIA, 2010. Disponível em <http://europa.eu/rapid/pressReleasesAction.do?reference=IP/10/225&format=HTML&aged=0&language=PT&guiLanguage=e..> Acesso em 12/06/2012.

O primeiro deles se relaciona a um **crescimento inteligente**, visando promover o conhecimento, a inovação, a educação e a sociedade digital entre os países membros.

Em seguida, há a proposta de se desenvolver um **crescimento sustentável** – procurando tornar o aparelho produtivo mais eficiente em termos de recursos, ao mesmo tempo em que se reforça a competitividade.

E finalmente, pretende-se obter um **crescimento inclusivo**, com o aumento da taxa de participação da classe produtiva no mercado de trabalho, por meio da aquisição de melhores qualificações técnicas e desenvolvendo projetos de luta contra a pobreza. Esta batalha em prol do crescimento e do emprego exige um grande empenho dos membros do alto escalão político e a mobilização de todos os envolvidos no processo de recuperação europeia.

A EU deve tirar ensinamentos da crise económica e financeira mundial. Com a globalização e após o processo de integração regional, suas economias se tornaram intimamente ligadas e não existe nenhuma solução eficaz aos desafios globais que possa ser adotada de forma isolada.

Sendo assim, os Estados-Membros da União Europeia vinculados ao projeto da Europa 2020 traçaram cinco objetivos principais, com a missão de traduzi-los de acordo com seus interesses nacionais e sempre levando em consideração os diferentes pontos de vista de cada um. Para que o projeto seja bem sucedido, no entanto, todos deverão estar voltados para a mesma direção, pois quem trabalha em conjunto sempre é mais forte: uma saída com êxito da crise depende, por conseguinte, de uma estreita coordenação de políticas económicas.

O primeiro objetivo é gerar emprego para ampliar demanda e circulação de mercadorias. A meta dos elaboradores dessa estratégia é empregar 75% da população de idade compreendida entre 20 e 64 anos.

O segundo objetivo é ampliar o conhecimento tecnológico do bloco, investindo 3 % do PIB da UE em I&D e em seguida, cumprir os objetivos relacionados a clima/energia com a fórmula «20/20/20»<sup>17</sup>.

O quarto objetivo é alcançar uma taxa de abandono escolar inferior a 10% e incentivar pelo menos 40% da geração mais jovem a obter um diploma do ensino superior. E, finalmente, o quinto objetivo é afastar pelo menos 20 milhões de pessoas do risco de pobreza.

Para que estes objetivos sejam atingidos, a Comissão propõe uma agenda Europa 2020 com uma série de iniciativas emblemáticas, executadas com prioridade partilhada e que exigirão ações em todos os níveis. Dentre elas<sup>18</sup>, citamos:

- **Juventude em movimento** – cuja finalidade é reforçar a qualidade e a capacidade de atração internacional do sistema de ensino superior europeu, promovendo a mobilidade dos estudantes e dos jovens profissionais. Em termos práticos, isso implica que as vagas existentes no sistema educacional de todos os Estados-Membros devem ser mais acessíveis a estudantes de toda a Europa e que as consequentes qualificações e experiências profissionais obtidas sejam reconhecidas de forma adequada por todos.
- **Uma agenda digital para a Europa** – consiste em retirar benefícios econômicos e sociais do mercado único digital de forma sustentável, baseando-se na internet de alta velocidade. Até 2013, pretende-se que todos os europeus tenham acesso a ela.
- **Uma Europa eficiente em termos de recursos** – visa apoiar a transição para uma economia hipocarbônica e eficiente na utilização de recursos energéticos. A Europa deve manter-se fiel aos objetivos que fixou para 2020, relacionados à produção, eficiência e consumo de energia, para gerar uma poupança de 60 milhões de EUR nas importações de petróleo e gás em 2020.

---

<sup>17</sup> Reduzir as emissões de gases com efeito de estufa em 20% (ou em 30%, se forem reunidas as condições necessárias) relativamente aos níveis registrados em 1990; obter 20% da energia a partir de fontes renováveis e aumentar em 20% a eficiência energética.

<sup>18</sup> EUROPEAN COMMISSION, **Europe 2020**. Disponível em [http://ec.europa.eu/europe2020/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/europe2020/index_en.htm). Acesso em diversas datas.

- **Uma política industrial em prol do crescimento verde** – tem a finalidade de contribuir de forma ecologicamente correta para a competitividade da indústria da UE no mundo que emergirá da crise, promovendo o empreendedorismo e desenvolvendo novas qualificações. Deste modo, seria possível criar milhões de novos postos de trabalho.
- **Uma agenda para novas qualificações e novos empregos** – pretende criar condições de modernização dos mercados de trabalho e aumentar as taxas de empregabilidade, assegurando a sustentabilidade de modelos sociais surgidos após a geração dos “baby-boomers”.
- **Uma plataforma europeia contra a pobreza** – se propõe a assegurar a coesão económica, social e territorial de todos os membros da comunidade europeia, permitindo que as camadas mais pobres e socialmente excluídas da população desempenhem um papel mais ativo na sociedade.

Europa 2020 é, portanto a estratégia de crescimento da UE para a próxima década, desenvolvida para driblar a crise e posicionar novamente o continente em uma condição de liderança. Num mundo em mutação, essas prioridades foram traçadas com a finalidade de transformar a UE em uma economia inteligente, sustentável e inclusiva. Reforçadas mutuamente, deverão ajudar os membros do bloco europeu a atingir níveis elevados de emprego, de produtividade e de coesão social. Os cinco objetivos são ambiciosos em matéria de emprego, inovação, educação, inclusão social e clima/energia e deverão ser alcançados até 2020 por meio de ações concretas adotadas em nível nacional e em nível da UE.

## 4 CONCLUSÃO

Os europeus e o mundo inteiro precisam de outra Europa, uma Europa governada por princípios de solidariedade social e não a Europa orientada pela livre concorrência, que aceita (resignada, ou exultante....) a “violência da concorrência”, “sem regulação nem limite”: uma Europa dos direitos sociais e do progresso social e não a Europa da precariedade do trabalho, da desigualdade crescente, da

exclusão social, que quer fazer andar duzentos anos para trás o relógio da história; uma Europa livre de tutelas e capaz de definir os seus objectivos na cena internacional e não a Europa de joelho dobrado perante o império norte-americano; uma Europa dos cidadãos e dos trabalhadores, e não a Europa dos negócios e do capital financeiro.

Uma Europa (e um mundo), em suma, em que o mercado não substitua a política, a concorrência não substitua a cidadania, a eficiência e a competitividade não substituam o direito e a justiça. Para tanto, é imperioso que a União Européia, enquanto comunidade de estados soberanos e iguais, seja uma comunidade de povos e de culturas, uma comunidade de afectos, coesa e solidária, uma comunidade de valores democráticos, acima de tudo fiel a um dos objectivos estratégicos iniciais, uma comunidade de paz, uma comunidade promotora da paz, através do combate ao subdesenvolvimento, ao racismo, à xenofobia, à pobreza, à exclusão.

A.J.Avelãs NUNES, 2007

Em seus ensinamentos, Sun Tzu dizia que a guerra é uma questão vital para o Estado, sendo o campo onde se decidem a vida ou a morte, ou o caminho para a sobrevivência ou para a ruína<sup>19</sup>. A crise que começou em 2008 nos Estados-Membros da Comunidade Européia e na zona do euro pode ser vista como a guerra citada por Sun Tzu, uma guerra onde o inimigo é o aumento do déficit público, do endividamento do PIB, do aumento da inflação, do desemprego, e da exclusão social.

A vida ou a morte do bloco europeu, nesse caso, dependem da habilidade de seus membros em derrotar o inimigo. Se a Comunidade Européia souber adotar as medidas adequadas para vencer a crise, poderá sobrepor-se à ruína que ameaça sua integração e sobrevivência. Se suas diferenças internas forem mais fortes que as necessidades de coesão do grupo, a guerra será vencida pelo inimigo e o bloco irá se desintegrar.

Por isso, seus membros devem permanecer coesos, gerenciando a crise econômica em conjunto e dando uma resposta eficaz aos desafios globais.

---

<sup>19</sup> TZU, SUN, A arte da guerra. São Paulo: Martim Claret, 2005.

Observamos no nosso estudo que o arranjo econômico adotado ao longo dos últimos anos deixou de satisfazer a todas as partes, pois, ao invés de integrar seus membros e igualá-los, evidenciou ainda mais suas enormes diferenças de gestão política, financeira e legal.

O endividamento público - desde a instalação da crise em 2008 - aumentou tanto em alguns países que chegou a atingir níveis acima de 100% do PIB, como foi o caso da Grécia, Itália, Irlanda e Portugal. Além disso, a diminuição da oferta de emprego levou grande parte da população a reduzir suas despesas, limitando o consumo e a circulação de bens e capitais internos, gerando uma espiral depressiva e cada vez mais negativa.

Os índices de inflação também atingiram médias elevadas e apesar de existir uma projeção de queda nos próximos trimestres, seus números ainda continuarão acima da meta prevista pelo Banco Central Europeu (BCE) que é 2%.

Outro dado importante identificado nesta pesquisa é o crescente aumento dos riscos de pobreza ou de exclusão social entre a população de vários países que compõem a Comunidade Europeia, como Romênia, Letônia, Lituânia, Bulgária e Grécia estão sofrendo com os efeitos da crise. Na Bulgária e na Romênia, especialmente, observou-se que quase metade da população nacional está sofrendo risco de pobreza e exclusão social.

Trata-se de uma crise em que a falta de respeito de muitos governos do bloco às leis fiscais e orçamentares é grande e por isso, tanto eles quanto os demais estados-membros têm passado por dificuldades crescentes.

Previa-se que o mundo do capitalismo absoluto, cuja lógica constituiu com dinâmica crescente a chamada Era Moderna, entraria em uma era de trevas, caos e decadência de suas estruturas sociais bem antes de terminar o século XX<sup>20</sup>.

Na Grande Depressão dos anos 30 ocorrida nos Estados Unidos, o mundo passou por uma série de dificuldades econômicas e sociais e as medidas adotadas pelos

---

<sup>20</sup> Apud Robert KURZ (1992) marxista e filósofo alemão.

governos atingidos para conter o desemprego em massa, a inflação galopante e o endividamento público só vingaram após a Segunda Guerra Mundial.

A crise atual precisa de soluções mais imediatas e no caso, o Banco Central Europeu - BCE tem estado presente e liberado operações de refinanciamento com prazo e juros excepcionais, ajudando os membros da Comunidade Europeia a combater os efeitos da crise.

Se Eric Hobsbawn afirma que “o futuro não pode ser uma continuação do passado”<sup>21</sup>, Friedrich Hayec já afirmava bem antes a “Inevitabilidade” do planejamento.

Por isso, com a finalidade de gerenciar e combater a crise instalada, os estados-membros da Comunidade Européia lançaram a Estratégia EUROPA 2020 onde todos, em comum acordo, estabeleceram metas para assegurar a saída da crise e para preparar a economia da EU para a próxima década.

A construção de um futuro sustentável exige muito mais do que uma visão de curto prazo, cujas medidas se apresentam como meramente paliativas ou de socorro. Para que a Europa consiga retomar o bom caminho e manter o rumo de crescimento, devem ser adotadas estratégias de longo prazo, com uma perspectiva bem mais ampla e com o envolvimento total de todos os participantes do bloco.

É o que pretende a Estratégia Europa 2020: gerar mais emprego e assegurar melhores condições de vida para a população sob sua responsabilidade. Se conseguirem colocar efetivamente em prática todas as estratégias planejadas, acreditamos que os países europeus poderão demonstrar sua capacidade em combater a crise. Juntos, podem gerar um crescimento inteligente e sustentável, propor um rumo claro à sociedade e restabelecer a Europa em sua posição hegemônica em relação aos demais continentes.

---

<sup>21</sup> HOBBSAWN, E. 1995

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALDERMAN, Liz. **Ranks of Working Poor Grow in Europe**. New York Times News Service/Syndicate – 01/04/2012 Disponível em [http://www.nytimes.com/2012/04/02/world/europe/in-rich-europe-growing-ranks-of-working-poor.html?\\_r=1&pagewanted=all](http://www.nytimes.com/2012/04/02/world/europe/in-rich-europe-growing-ranks-of-working-poor.html?_r=1&pagewanted=all). Acesso em 23/04/2012

ALLEN, Tim. **Euro area and EU27 government deficit at 4.1% and 4,5% of GDP respectively**. In Eurostat Press Office, Edição 62/2012 de 23/04/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-23042012-AP/EN/2-23042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-23042012-AP/EN/2-23042012-AP-EN.PDF). Acesso em 23/04/2012

AMIL, Digna. **Industrial production up by 0,5% in euro area**. In Eurostat Press Office, edição 55/2012 – 12/04/2012 - Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/4-12042012-AP/EN/4-12042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/4-12042012-AP/EN/4-12042012-AP-EN.PDF). Acesso em 12/04/2012

BARCELAN, Roberto & STAPEL Silke. **G20 GDP growth slows to +0,7% in the fourth quarts of 2011**. In Eurostat Press Office, edição 41/2012 – 14/03/2012 – Disponível em: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-14032012-CP/EN/2-14032012-CP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-14032012-CP/EN/2-14032012-CP-EN.PDF). Acesso em 14/03/2012

CORSELLI-NORBLAD, Louise & DI MEGLIO, Emilio. **In 2012, 23% of the population were at risk of poverty or social exclusion**. In Eurostat Press Office. Edição 21/2012 de 08/02/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/3-08022012-AP/EN/3-08022012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/3-08022012-AP/EN/3-08022012-AP-EN.PDF). Acesso em 06/03/2012

DUCHON, Tomas & BIEDMA, Luis. **Euro area and EU27 GDP down by 0,3%**. In Eurostat Press Office, Edição 35/2012 de 06/03/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-06032012-AP/EN/2-06032012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-06032012-AP/EN/2-06032012-AP-EN.PDF). Acesso em 06/03/2012

EMINESCU, Julia A. S & TVARIJONAVICIUTE, Irena. **Euro área government debt down to 87.5% of GDP**. In Eurostat Press Office. Edição 20/2012 de 06/02/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-06022012-AP/EN/2-06022012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-06022012-AP/EN/2-06022012-AP-EN.PDF). Acesso em 06/03/2012.

EUROPEAN COMMISSION, **Europe 2020**. Disponível em [http://ec.europa.eu/europe2020/index\\_en.htm](http://ec.europa.eu/europe2020/index_en.htm) Acesso em diversas datas.

EUROSTAT STATISTICAL BOOKS. **Eurostatistics Data for short-term economic analysis**. Edição 03/2012 de 16/03/2012 - Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_OFFPUB/KS-BJ-12-003/EN/KS-BJ-12-003-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_OFFPUB/KS-BJ-12-003/EN/KS-BJ-12-003-EN.PDF) . Acesso em 16/03/2012

FACULDADES INTEGRADAS “ANTONIO EUFRÁSIO DE TOLEDO”. **Normalização de apresentação de monografias e trabalhos de conclusão de curso**. 2007 – Presidente Prudente, 2007, 110p.

GAMBINI, Gilberto. **Euro area external trade surplus 2,8 bn euro**. In Eurostat Press Office, edição 56/2012 – 16/04/2012 - [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/6-16042012-AP/EN/6-16042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/6-16042012-AP/EN/6-16042012-AP-EN.PDF). Acesso em 16/04/2012

HAYEK, Friedrich August von. **O Caminho da Servidão**. Porto Alegre: Editora Globo, 1977.

HOBSBAWM, Eric.. **Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HRISTOV, Nikolay & JEGOU, Nicolas & SANTIS, Roberta de. **Association of Three Leading European Economic Institut: Tensions ease but growth remains sluggish**. In CESifo Group Munich, 03/04/2012 – Disponível em [http://www.cesifo-group.de/portal/page/portal/ifoContent/N/data/forecasts/eeo-container/EEO\\_2012\\_04\\_03/eeo-20120403-de.pdf](http://www.cesifo-group.de/portal/page/portal/ifoContent/N/data/forecasts/eeo-container/EEO_2012_04_03/eeo-20120403-de.pdf). Acesso em 30/04/2012

IANNI, Otavio. **Teorias da Globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

**Institutional Sector Accounts, Non-Financial Tables, Quarter 4 2011 and Year 2011 (Preliminary)**. In Central Statistics Office – 16/04/2012. Disponível em [http://www.cso.ie/en/media/csoie/releasespublications/documents/economy/2011/isa\\_nonfin\\_q42011.pdf](http://www.cso.ie/en/media/csoie/releasespublications/documents/economy/2011/isa_nonfin_q42011.pdf). Acesso em 30/04/2012

KIIVER, Hannah & VREESWIJK, Hubertus. **Euro area unemployment rate at 10,8%**. In Eurostat Press Office, Edição 52/2012 de 02/04/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/3-02042012-AP/EN/3-02042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/3-02042012-AP/EN/3-02042012-AP-EN.PDF). Acesso em 02/04/2012

KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

NUNES, Antonio José Avelãs. **A Constituição europeia: a constitucionalização do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais; Portugal: Coimbra Editora, 2007.

ÖHMAN, Liselott. **Industrial producer prices up by 0,6% in euro area**. In Eurostat Press Office, edição 53/2012 – 03/04/2012. Disponível em [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/4-03042012-AP/EN/4-03042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/4-03042012-AP/EN/4-03042012-AP-EN.PDF). Acesso em 03/04/2012

PASANEN, Jarco. **Euro area annual inflation down to 2.6%**. In Eurostat Press Office. Edição 75/2012 de 16/05/2012. Disponível em : [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-16052012-BP/EN/2-16052012-BP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-16052012-BP/EN/2-16052012-BP-EN.PDF). Acesso em 16/05/2012

PASANEN, Jarko. **Euro area annual inflation stable at 2,7%**. In Eurostat Press Office, edição 57/2012 – 17/04/2012 . Disponível em: [http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY\\_PUBLIC/2-17042012-AP/EN/2-17042012-AP-EN.PDF](http://epp.eurostat.ec.europa.eu/cache/ITY_PUBLIC/2-17042012-AP/EN/2-17042012-AP-EN.PDF). Acesso em 17/04/2012

TZU, Sun. **A Arte da Guerra**. São Paulo, Editora Martin Claret, 2005.